

Castilho, o campo e os clássicos

HELENA COSTA TOIPA

RESUMO

António Feliciano de Castilho revela frequentemente, na sua obra, grande admiração pelos autores antigos. Ao falar do campo e da vida rústica são óbvias as reminiscências e constantes as citações de Horácio, Virgílio e Ovídio.

ABSTRACT

António Feliciano de Castilho, in his work, often reveals great admiration towards ancient authors. When he speaks about the country and rustic life, the reminiscences are obvious, often quoting Horace, Virgil and Ovid.

*

A formação clássica de António Feliciano de Castilho e o seu profundo conhecimento dos autores e textos antigos estão bem representados na sua vasta obra, que compreende ensaios, artigos de opinião, poesia, romance, opúsculos didáticos, para além de traduções de alguns desses textos antigos.

Nasceu em Lisboa, no despontar do século XIX, e, apesar de cegar aos seis anos, fez os seus estudos, com a ajuda do irmão, formando-se em Cânones pela Universidade de Coimbra. Datam de Coimbra as suas primeiras experiências literárias, em moldes arcádicos, que, posteriormente, juntamente com outras, datadas do período 1816 e 1867, foram publicadas sob o título *Novas Escavações Poéticas*. São também de influência neoclássica as obras que publicou por esses primeiros anos: *Cartas de Eco e Narciso* (1821, 1º vol.; 1925, 2º vol.), *A Primavera* (1822), *Amor e Melancolia* ou *A Novíssima Heloísa* (1828), entre outras. Residindo em S. Mamede de Castanheira do Vouga, no Caramulo, onde o seu irmão Augusto foi prior, aí se dedicou ao estudo, à composição de poemas e textos que depois publicou sob os títulos *Presbitério da Montanha* e *Outono* (1863), bem como à tradução dos clássicos.

Durante uma breve passagem por Lisboa conheceu as novas tendências românticas que resolveu experimentar em *A Noite do Castelo* e *Os Ciúmes do Bardo*, de 1836. Foi, por isso, considerado um dos introdutores do Romantismo e um dos elementos mais destacados da primeira geração romântica. Quando se instalou definitivamente em Lisboa, dirigiu a *Revista Universal Lisbonense* (1841-45) e compôs *Quadros da História de Portugal* (1838) e publicou *Escavações Poéticas* (1844), compilação de textos dispersos redigidos em anos anteriores.

Depois de alguns desgostos particulares e dissabores políticos, instalou-se nos Açores (1847-1850), onde se dedicou, à frente do periódico *O Agricultor Micaelense*, à propaganda da actividade agrícola e à da difusão da instrução elementar, batendo-se pela obrigatoriedade do ensino primário. No âmbito da sua actividade pedagógica publicou o *Método Português* (1853), *A Felicidade pela Agricultura* (1850) e *A Felicidade pela Instrução* (1854), *Tratado de Metrificação*, entre outras obras.

Elevado à qualidade de inspirador e protector de mais de uma geração de escritores, os seus últimos anos (morreu em 1875) decorreram envolvidos em polémicas, a mais célebre das quais foi, sem dúvida, a que receberia o nome de “Questão Coimbrã”, em que se viu contestado por Antero de Quental e Teófilo Braga.

Sobre esta personalidade marcante da cultura portuguesa e sobre o seu papel no romantismo português, disse José-Augusto França, após ter destacado o seu papel como pedagogo, defensor da língua portuguesa, defensor de um esquema progressista de associações agrícolas e entusiasta do ensino das primeiras letras, o seguinte:

Repousava Castilho sobre estes louros quando, em 1865, suscitou a primeira campanha contra o romantismo, desencadeada por uma nova geração de estudantes de Coimbra.(...) Dir-se-ia que a sua carreira cabe inteiramente entre dois mal-entendidos, um que o fez subir às nuvens, em 1844, outro que o abateu, vinte anos depois... Nos dois casos era-lhe atribuído um papel que em nada se lhe ajustava: o de primeiro dos românticos ou o de último poeta desta espécie. Castilho, pretexto para a expressão de duas gerações sucessivas, não era, na realidade, mais do que o “Memnide Eginense” da Arcádia de Roma – e era esse talvez o título que ele mais amava, no fundo da sua alma ovidiana... Porque, no fim de contas, este título mantinha-se à margem do mundo “gótico”, onde havia demasiadas tempestades e demasiados cadáveres.¹

¹ *O Romantismo em Portugal. Estudo de Factos Socioculturais*. Livros Horizonte, Lisboa, ²1993, p. 207.

A sua obra é muito vasta; vai desde o ensaio e o artigo de opinião até à poesia e o romance, passando pelos opúsculos didáticos e as numerosas traduções de Ovídio, Virgílio, Anacreonte, Molière, entre outros, o que revela incontestavelmente o seu duradouro apego ao mundo antigo.

O próprio Castilho refere o estudo dos clássicos, durante a sua formação, com entusiasmo:

Na escola nos tínhamos naturalizado romanos com os nossos mestres; que o eram como Scipião e os Gracchos; e tão crentes, que não datariam senão por kalendas, nonas e idos. As nossas primeiras noções aquellas foram. Brincámos, crescemos com Rómulo e Remo, e ainda os vimos mamar na loba, que por sinal era ruiva, na margem do Tibre, ali onde estava uma fogueira. Assistimos à primeira fundação da aldeola de Roma, às suas primeiras brigas de feiras, chamadas batalhas; ao seu rápido adolecer; à formação da sua indole nacional; às suas ambições sem limite convertidas em realidades; à transformação das suas rústicas virtudes em vícios esplendidos, em crimes sellados com o cunho da grandiosidade. Os nossos primeiros affectos, n'aquella idade, em que não se pode amar senão no vago, à luz da História romana e ao calor da Romana poesia, se desenvolveram e floriram. Qual de nós não assistiu presencialmente ao rapto das sabinas? (...) E quem se não recorda de se ter achado (...) nas festas campestres das nymphas das árvores, das fontes e dos rios? E direi mais, porque é verdade: qual é de nós o que n'esses dias d'entre puerícia e juventude, cathequisado pagão pelo Chompré, e confirmado tal pelo seu Tibullo, Propércio e Ovídio, não contemplou com anciedade a luta do Christianismo, recém-nascido e coroado de espinhos, com o paganismo velho e coroado de flores? (...) Isto, que succedeu a todos os que ainda estudámos Latim, também já havia passado pelos nossos poetas velhos, donde veio sairem todos eles, no que escreveram, tão pagãos como um arúspice; e, quando não, lá está o Camões, que há-de ser o que sempre em tudo se há-de citar: baptisado tinha ele sido, mas quem o procurasse achar havia de ser n'um banho de Castália ou de Aganippe.

(*Excavações Poéticas*, I, p. 87-91)²

É, pois, natural, que, fruto desta formação e deste gosto que ganhou pelos autores clássicos e pelo mundo antigo as suas obras surjam marcadas pela influência deles, como acontece, por exemplo, nas que compôs sobre a agricultura e o mundo rústico. Salientaremos dois desses textos, um pouco distantes no tempo e de motivação

² António Feliciano de Castilho, *Excavações poéticas*. Obras completas de A. F. Castilho. Revistas, anotadas, e prefaciadas por um de seus filhos. Lisboa, 1904.

diferente, *A Primavera*, de 1922, e *A Felicidade pela Agricultura*, compilação de artigos de jornal, saída em 1949.

A Primavera é um exercício poético composto sob o influxo dos preceitos de Horácio, da sua filosofia moral do *carpe diem* e da *aurea mediocritas*; os segundos escritos, com função didáctica, eram dirigidos aos camponeses, no sentido de os motivar para a vida agrícola, fazendo-os sentir apreciados e valorizando a sua actividade.

Tanto numa como noutra obra, a visão idealizada do mundo rural deve muito a Virgílio, a Horácio e a Ovídio, que cita directa ou indirectamente, autores que tinham claramente ecoado já, também, nos clássicos renascentistas Diogo Bernardes, Sá de Miranda ou António Ferreira.

Uma das primeiras obras de Castilho foi *A Primavera* (1822), que é constituída por quatro composições: *Epístola à Primavera*, *O Dia de Primavera* (vol. I); *Os Cantos de Abril*; *A Festa de Maio* (vol. II).

Esta última é particularmente rica em referências clássicas. Trata-se de um poemeto em dois cantos, que descreve um passeio da “*Sociedade dos poetas Amigos da Primavera*”, no primeiro dia de Maio, até à Lapa dos Esteios, junto de Coimbra, atravessando o Mondego, onde realizavam uma espécie de festival de poesia de moldes arcádicos. O percurso é descrito com os olhos da imaginação alimentada de leituras dos Antigos; os cenários de Horácio, Virgílio e Ovídio são os mais imitados: os bosques cheios de sombras convidativas, as grutas limosas, as águas cristalinas de fontes e rios, uma natureza aprazível³, enfim, onde não falta sequer o chilreio de uma Progne ou de uma Filomela⁴. A ilha a que aportam, no meio do percurso, é descrita em termos que fazem lembrar a mítica Idade do Ouro, tal como a descreviam Horácio, Virgílio ou Ovídio:

³ - *D'esta estação n'um dos primeiros dias
segundo o meu costume antes da aurora
sahi a esparecer nos campos verdes,
ouvir das aves os primeiros cantos,
e aquecer-me sentado sobre a relva
ao primeiro calor do sol nascente.
Banhei o rôsto n'um remanso puro,
colhi as flores inda há pouco abertas.*

(*A Festa de Maio*, pp.51-52)

⁴ - *D'esta folhagem se levanta o melro,
e vai poisar na proxima folhagem.
Queixa-se n'uma gruta Philomela
Quando Progne sentida eleva o canto.*

(*A Festa de Maio*, p. 58)

*Vêde este prado, cujo fundo escondem
de Hybléas flores animadas nuvens.
Olhae sem guardador pingues rebanhos
livres saltando nos oiteiros verdes.
Vêde encostas de pampanos cobertas;
Fontes à sombra de arvores sagradas;*
(*A Festa de Maio*, p. 59)⁵

As personagens que percorrem este cenário são as mitológicas, quer as da mitologia greco-latina, Pomona, Cibele, Ceres, Ninfas (Náiades, Driades, Harmadriades, Nereidas, Napeias), Pã, Sátiros, Faunos, Tritões, Amores, Graças, Vénus e obviamente Musas/Camenas, quer as figuras mitológicas ou históricas com aura lendária, da tradição local, como as Mondágides ou a dupla Pedro e Inês. Os ventos que sopram são os Zéfiro ou Favónios; as estrelas e constelações relembram velhos mitos.

A presença mais visível é a de Horácio, que aqui é imitado em vários aspectos, nomeadamente na temática relacionada com a sua filosofia moral (*carpe diem* e *aurea mediocritas*). Desde logo, a sua marca está na temática da obra no seu todo, pois Horácio é autor de um conjunto de odes a que convencionou chamar-se *Odes de Primavera*, normalmente associadas ao tema da irreversibilidade da passagem da vida humana e da morte inevitável; a sucessão das estações do ano serve para estabelecer o contraste com a vida do homem, que não se renova, como acontece com a natureza (*Odes*, I, 4; IV, 7; IV, 12)

A questão da brevidade da vida humana, da inexorabilidade da passagem do tempo, pelo homem e pela natureza, são algumas das primeiras ideias a ser abordadas, logo na terceira estrofe do canto I. Esta fugacidade do tempo de vida deve ser contrariada com o aproveitamento do dia presente:

*Como! o tempo!... (ai da flor da mocidade!)
o tempo as destruiu! De graças tantas
que existe pois? Um pó. Jazem desfeitas,
sem perfume, sem côr as lindas flores!
E as verdes folhas se enrolaram murchas!
Ah! Corramos, o peso que as esmaga,
rola também sobre a existência nossa.
Nossas grinaldas nos festins viveram,
morreram no prazer; e nós, como ellas,*

⁵ António Feliciano de Castilho, *A Primavera*. Obras completas de António F. de Castilho. Revistas, anotadas e prefaciadas por um dos seus filhos. Lisboa, 1903.

devemos esperar, brincando, a morte.

*O Toiro já fugiu; Castor, e Pollux
sucederam-lhe agora; hão-de apoz elles
os astros cintilar, que nos conduzam
da estiva calma os importunos tempos.
Então fenecem pelo campo as flores,
tépidas correm na planície as fontes,
calam-se as aves nos cavados troncos,
e fallece a frescura às próprias noites.
Vamos, em quanto as flores não perecem,
em quanto sopram lisongeiras auras,
em quanto um doce frio as ondas levam,
em quanto as aves pelos ares cantam,
e as claras noites co'a frescura aprazem,
vamos correndo; de vergonha core
quem ultimo chegar do rio à margem.*

(A Festa de Maio, pp. 33-34)

Horácio lamentava a passagem do tempo, manifesta na sucessão das estações, e a presença da morte como infalível destino do homem (I, 4; II, 14; IV, 7, etc); era preciso, pois, aconselhava o poeta, aproveitar o tempo fugaz de forma aprazível⁶ (I,11; II,11); não com guerras, não com viagens esforçadas, em busca das riquezas prejudiciais, mas num ócio agradável, na companhia dos amigos e na paz dos campos. Castilho segue os seus conselhos:

*Nós não vamos em lenhos alterosos,
Roçando as nuvens com soberbas vellas,
C'o ferro a lampear nas bravas dextas,
levar da guerra a furia aos outros povos,
lançar em fogo os bosques, e as cidades,
para voltar aos mares tormentosos
com um pouco de metal, que gera os crimes;*

⁶ Castilho reafirma esta ideia frequentemente no texto em análise:

*Os animais, as flores, os arbustos,
Teem curta duração; vai, manso e manso
O tempo destruindo altas montanhas,
Gasta-se o escolho c'o bater das ondas;
Succede a lua ao sol, à noite o dia;
Uma estação perece, outra renasce.
Tudo é mortal na terra, e mais que tudo
as humanas paixões insulta a morte;
succede ao riso o pranto, à dor prazeres;
ao odio amor; ao terno amor a raiva.
(...) Ditoso par! Amae-vos extremosos
enquanto a natureza vos consinta.*

(p. 76)

*nós vamos procurar vizinha praia,
para rir, e beber de Maio em honra;
vamos coroar-nos de verdura, e lírios,
cantar ao som da flauta a Natureza,
dançar no meio de inocentes gostos,
e longe dos mortaes viver ditosos,
poucas horas sequer, na paz dos campos.*

(*A Festa de Maio*, p. 36)

É na paz dos campos, então, que se deve procurar a tranquilidade do ócio; ali vive o camponês e o pastor, felizes na sua inocência e simplicidade, sem preocupações com o presente ou o futuro. A marca de Horácio⁷ mas também de Virgílio, d'*As Geórgicas*⁸, está na descrição da vida escolhida pelos amigos ao chegarem ao seu destino:

*Vida de nossos pais! Vida dos campos!
Quem te nomeia humilde e vergonhosa?
Vive o pastor no seio da inocência,
no meio da pobreza é rico e folga;
em quanto os grandes entre escravos gemem,
canta o pastor entre o rebanho, ou dorme,
fiado em seu amigo, em seu rafeiro;
nem ao menos que ha leis sabe nos campos.
São seus dias cadeias de prazeres,
e seus prazeres inocencia todos.
(...) Repoisa em paz sobre o macio feno
em quanto alguma luz no ceo não raia,
não há cuidado, que lhe rompa o somno;
se acaso sonha, os sonhos não lhe pezam,
pintam passados bens, ou bens futuros;
e volta ao mesmo quando nasce a aurora.
Vergonhosa esta vida! Ó desgraçados,
corae no meio das grandezas vossas;
se o pastor conhecesse o vosso estado,
nem de olhar-vos sequer se dignava.*

⁷ No Epodo II, Horácio descreve a regularidade das actividades do lavrador ao longo do ano, na cultura dos campos, na criação do gado, nas saídas venatórias do Inverno, quando os campos estão cobertos de gelo e são pouco produtivos. Não esquece de referir o papel importante da mulher do agricultor, como auxiliar indispensável. Vários outros textos de Horácio fazem a apologia desta vida simples; na ode III, 16, por exemplo, indica os seus modestos anseios: um riacho de águas puras, um terreno de pequenas dimensões e uma colheita assegurada.

⁸ *As Geórgicas* são um poema didáctico dedicado à agricultura; no final do livro II (458-542), Virgílio faz o elogio da vida do camponês, que ignora as guerras, a ambição do poder, os grandes requintes da civilização, as discórdias civis, e vive contente, com o seu trabalho, no seu ambiente campestre, a sua vida simples. Esta passagem de Virgílio foi imitada por muitos dos nossos autores renascentistas (Veja-se nota 15)

(p.63)

Era uma vida simples a que o grupo idealizava viver; está expressa até na baixela utilizada nas refeições, muito diferente dos requintes dos cristais, da prata ou da porcelana:

*Quando o gallo domestico na aldeia
soltar ao meio-dia o canto agudo,
correremos à meza; unidos todos
de um bosque à sombra nos calmosos tempos,
e junto ao fogo quando reine o frio,
não veremos diante a rica prata
com vivo resplendor cegando os olhos;
nem doirados crystaes, nem porcelanas,
cuja louca ambição furiosa arrasta
tantos loucos mortais dignos de pranto,
d'entre os braços dos seus aos torvos mares,
e em fragil pinho, que rodeia a morte,
de longínquo paiz os leva aos portos.
De facil construcção vermelho barro
fará nossa baixella; e cavos troncos
fundos, polidos, de jasmim coroados,
servir-nos-hão de rubido falerno*

(A festa de Maio, p. 64)

No episódio de Pedro e Inês (evocado na travessia do Mondego, durante este passeio), em que celebra um passeio romântico do famoso duo, acompanhado do seu primeiro filho, também Inês anseia pela vida simples de pastora, contente com pouco, e sem os problemas da condição real do seu amado, que tantos desgostos lhe iam causando e que lhe haviam de lhe ser fatais:

*“Quão melhor fôra haver nascido em choças!
Lá, tendo por império um só rebanho,
lans por purpura, e flores por diadema,
Pedro fora pastor e Inês pastora.
Teu sólio quantas lagrimas nos custa!
Mas se fosse teu solio um manso oiteiro,
docel um parreiral firme em colunas
das que dão fruto e flôr, saude e agrados,
não curtira em meus sonhos o remorso,
teu coração ninguém m'o disputára,
não se encobriria o meu amor...”*

(A festa de Maio, p. 40)

Este anseio pela simplicidade, pelo anonimato de uma vida de camponesa, sem preocupações de maior, pela libertação do pesado

jugo da realeza, fora também expresso pelo rei D. Afonso IV, n' *A Castro* de António Ferreira, dividido entre o seu papel de pai e avô e o seu dever de governante. Também ele lamenta a triste vida do rei, cheia de exigências e de grandes dissabores, que mais não é que cativo. Exclama, numa reminiscência clara do passo d' *As Geórgicas* de Virgílio, acima citado:

*Ó vida felicíssima a que vive
o pobre lavrador só no seu campo,
seguro da fortuna, e descansado,
livre destes desastres que cá reinam!
Ninguém menos é rei, que quem tem reino.*
(*A Castro*, vv. 784-788)

O coro, comentando as palavras do rei, exprime, então, o ideal da áurea mediania, da simplicidade, da vida “meãmente” vivida, em termos horacianos, nos versos 815-850):

*S'eu me pudesse à minha vontade
formar meus fados, mais não quereria
que meãmente segurar a vida
c'o necessário.*
(*A Castro*, vv. 839-842)

Outro tema de Horácio recorrente neste texto é o relacionado com o modo de fruição dos prazeres da existência: o convívio, o vinho, o amor, o canto e as danças. Num mundo onde tudo está em constante mudança, em que a vida dos homens é breve e o tempo corre sem parar, o melhor é dedicarem-se os homens a esses prazeres da existência, enquanto a idade permite (Horácio, *Odes*, I, 9 e I, 11):

*Dispersae-vos, bebei, cantae, amigos,
Ride, e dançae, porque invejoso o tempo,
Co'as cans na fronte, e o coração gelado,
As horas do prazer furta aos mancebos.
Mas ai de nós, que o pérfido voando
Já nos fugiu co'a encantadora tarde!*
(*A festa de Maio*, p. 53)

Enquanto o homem se perde em constatações da transitoriedade e relatividade das angústias humanas e se lamenta da brevidade da vida, querendo saber quão breve ela é, o tempo continua a correr e, quando dá conta, já lhe fugiu; estas ideias estão condensadas nesta Ode I, 11 de Horácio, em tradução de David Mourão Ferreira:

*Não procures, Leuconoé, -ímpio será sabê-lo –
que fim a nós dois os deuses destinaram;
não consultes sequer os números babilónicos:
melhor é aceitar! E venha o que vier!
Quer Júpiter te dê inda muitos Invernos,
quer seja o derradeiro este que ora desfaz
nos rochedos hostis ondas do mar Tirreno,
vive com sensatez destilando o teu vinho
e, como a vida é breve, encurta a longa esp'rança.
De inveja o tempo voa enquanto nós falamos:
trata pois de colher o dia, o dia de hoje,
que nunca o de amanhã merece confiança.*

É com este espírito que acaba a primeira parte do poemeto e começa a segunda, com novo convite ao prazer do vinho, que vai tornar-se insistente, fazendo lembrar o carne de Catulo, *Da mihi basia mille*, dirigido a Lésbia:

*Dessa garrafa de crystal doirado
Duas taças me enchei. Venha a primeira.
Esta se esgote da amizade em honra.
(...) Dae-me à pressa outro copo; outro; mais cinco.
Mais um que eu vote a Phebo, e nove às Musas.
Sinto o meu coração desfeito em gosto!
Ah! Por piedade rodeae-me todos;
Quando entre amigos bebo, um só não basta
Para me encher atropelados copos.
(A festa de Maio, pp. 55-56)*

A presença da morte, no entanto, é uma constante⁹. Para compensar, a ilha do Amor para onde se dirigem e onde se instalam, na parte segunda do poemeto, será descrita ainda com mais características do *locus amoenus*, idealmente situado no campo, onde o homem poderá viver uma vida simples, cultivando as suas próprias terras, criando os seus próprios animais, em saudável harmonia com a natureza, inibindo-se até do passatempo da caça¹⁰:

⁹ - Veja-se esta passagem:

*Não, não me importa
Que o ar, que o pégo em furias se revolva;
Por entre a cerração, por entre a morte,
Voaremos a rir de Chypre aos campos,
Quaes na barca da Estyge um dia iremos
Dos lagos avernaes ao grato Elysio.*

(A festa de Maio, p. 58)

¹⁰ Evoca Ácteon que, com esta população de eleição, não correria o risco de ser caçado pelos seus homens e pelos seus próprios cães.

*Que ditoso paiz! Não sei que sinto
no meio agora d'estes sons campestres,
respirando balsâmicos vapores,
em sacra habitação, entre os amigos,
longe dos homens, da innocencia ao lado.*

*(...) Vede faias aqui, pinheiros, choupos;
abatei-os, tecei nossas cabanas.
Formemos uma aldeia; a cada alvergue
juntemos um jardim, que ao fundo banhem
do claro rio as fugitivas aguas*

*(...) Deixemos à vaidade altas columnas,
cupolas d'oiro, abobadas suspensas
em meia altura da extensão dos ares;
de trémula parreira um tecto basta.*

(A festa de Maio, p. 60)

A geração que nascerá destes novos aldeãos será pura, muito próxima daquela que viveu na Idade do Ouro; os homens continuarão a morrer, mas só quando atingirem a velhice (como era o anseio de Horácio, na ode I, 31):

*Creados longe do tropel das côrtes,
Puros no coração, que ninguém busca
Semear de illusões, de prejuizos,
educados na paz, sem ver tirannos,
sem ouvir discorrer pedantes sábios,
té das sciencias ignorando os nomes,
terão destinos, que excedendo os nossos,
não hajam que invejar os puros dias,
que cegamente se nomeiam d'oiro.
D'oiro! Ai delles se o oiro então se visse!
Mais nocivo que o ferro, a bemfazeja
Terra o sumiu nas maternas entranhas,
Sob leitos de pallido veneno.
(...) Quão bellos correrão nossos momentos,
longe, e tão longe dos polidos povos!
(...) Com pé tardio a inevitável deusa,
que o mundo despoeva, e bebe o pranto,
e acompanha a saudade entre os ciprestes,
sem terror, e sem foice, e até sorrindo,
sem que a precedam seus fataes ministros,
nos levará de manso e a curtos passos,
coroados de cans para o sepulcro.*

(A festa de Maio, pp.74-78)

A lembrança de Ovídio é também frequente, quando se lê este texto, principalmente como autor das *Metamorfoses*. Há principalmente referências passageiras a alguns mitos celebrados nesta obra, como por exemplo, no capítulo VIII do primeiro canto, quando se evocam os amores célebres entre deuses e entre deuses e mortais, amores particularmente favorecidos no mês de Maio (*Em teus dias, ó Maio, os Páphios bosques/ viram nascer os trêfegos Amores* – p. 47); são relembrados os amores, correspondidos ou não, de sátiros e ninfas, como Pã e Siringe¹¹; de Apolo e Clície; de Júpiter e Europa; de Vénus e Adónis; de Aurora; de Céfalos; de Plutão e Proserpina, entre outros.

Todo o capítulo IV da primeira parte do poemeto de Castilho é dedicado à ninfa Galateia; mas, se Ovídio, n.º *As Metamorfoses*, prefere o respeitante ao triângulo amoroso (Galateia, Ácis e Polífemo) e à metamorfose, Castilho enfatiza os primeiros momentos de enamoramento de Galateia, quando vê Ácis banhando-se.

Castilho revela profunda admiração e predilecção por Ovídio, ao longo da sua vida. Traduziu várias das suas obras: *As Metamorfoses*, *Os Fastos*, *Arte de Amar*, *Remédios do Amor*, *Amores*. Para ornamentar essas traduções, solicitou aos seus amigos e companheiros de letras abundante produção em verso ou prosa, sobre o autor, que revela também da parte dos letrados seus amigos o mesmo conhecimento da obra e da figura do Sulmonense¹². Além disso,

¹¹ Apaixonado pela ninfa Siringe, o rústico Pã não era por ela correspondido. Perseguido-a, um dia, na tentativa de consumir, pela força, o seu amor, vê-a transformar-se em cana, após invocar os deuses da sua protecção. Pã não mais a largou, pois, das canas, fez a flauta que o caracteriza.

*Em cada gruta, em cada bosque às nymphas
uma emboscada os sátyros aprestam.
Em bellezas mortaes embevecido,
canta em rustica voz novos amores
coroados de pinheiro o deus da Arcádia,
e ante a nympha gentil mudada em canas
pelas canas da flauta os sons varia
com ar alegre, que perjuro o torna.
(A festa de Maio, p. 48)*

¹² Leia-se a correspondência antologizada por A. Ribeiro Saraiva em *Saraiva e Castilho a propósito de Ovídio*, Lisboa, 1862. Numa dessas cartas, de Castilho para Saraiva, de 5 de Outubro de 1859, esta prática é bem definida:

Saberás que estou imprimindo na Academia Real das Sciencias, à conta da traducção completa das obras de Ovidio, a do poema dos Fastos. Esta com o original latino deita tres volumes em oitavo francez, dois livros em cada volume; e a cada dois livros juncta-se um farto e variadissimo ramilhete de

compôs, inspirado nas *Cartas das Heroínas (Heroides)* e num episódio d'*As Metamorfoses*, o mito de Eco e Narciso, as suas *Cartas de Eco e Narciso*.

É com alguma ironia que Castilho aborda, por vezes, a mitologia; num outro texto de *A Primavera*, intitulado “O dia de Primavera”, no cap. VIII da I Parte, parodia uma situação clássica d'*As Metamorfoses*, a da perseguição das ninfas por sátiros ou deuses, que normalmente acaba na transformação das primeiras que, ao sentirem-se agarradas, invocam a protecção divina; assim acontece entre Apolo e Dafne, Pã e Siringe, entre outros. Neste caso, glosado por Castilho, o Sátiro, ao perseguir a ninfa, escorrega e cai, provocando a hilariedade geral e boa disposição condizente com um dia da Primavera, com a visão de um sátiro mais aflito por ter perdido, na queda, o odre de vinho e a flauta, do que por ter deixado escapar a ninfa, que já tinha agarrado:

*Rasgado o cinto, desgrenhada a trança,
Uma Nympha gentil é quem sozinha
Se ouve rir no pacífico arvoredo.
Lá vai na veia d'água bracejando,
E a soltar da aflicção piedosos gritos,
Um Sátyro infeliz! Já muito longe
A corrente lhe leva o odre e a flauta.
Agora à flor das águas aparece,
Some-se agora no lodoso fundo.
Em vez de o socorrer, o apupam rindo
Da opposta varzea os rusticos pastores.*

Um pastor, que testemunhara a cena, descreve-a, terminando da seguinte forma:

*“ – Venci-te” – Ávida mão já lhe lançava,
senão quando (tomado está dos vinhos)
o pé caprino na orvalhada relva
resvala; vê-lo vai de tombo em tombo
medindo a ribanceira, e dá no rio!
Logo ao cair, fugira-lhe dos ombros.
O odre do vinho, e a flauta d'entre os dedos.
Mal pode resfolegar.- “Ó flauta! Ó odre!”
(O dia de Primavera, pp. 108-109)*

notas omnis generis, assignadas por todos os representantes da nossa litteratura contemporanea.

Tenho mil razões para te pedir, e tu quinhentas para me não recusares, uma nota da tua lavra, para ser aqui intersachada. Faze-a curta, faze-a comprida; faze-a em prosa, faze-a bordada de poesia; faze-a como quizeres, mas faze-a, e depressa, e quanto antes, para chegar a tempo, que a impressão vai já muito adiantada.

Mas, se nos textos primaveris acima referidos, o Ovídio escolhido é o da mitologia, nos textos dedicados à agricultura, o Ovídio é o dos *Fastos*; prefere-o até, para os exemplos, a Virgílio.

Alguns anos após as primeiras composições da juventude, Castilho edita um conjunto de artigos de jornal sob o título genérico de *Felicidade pela Agricultura*¹³. A visão que transparece, nestes artigos, sobre o campo e os agricultores é ainda idealizada: em contacto mais próximo e mais intenso com a natureza, os homens são mais puros, mais sãos, mais sinceros, leais e justos, mais felizes. Tudo é mais apazível, no campo, principalmente para quem só está habituado à cidade:

Tudo para eles (sc. os citadinos) é descobrimento e maravilha: os pássaros, que altercam graciosos pelos ramos; as águas, que manam, a debuxar os arvoredos toucados de flores e sol, os cantares dos rusticos no trabalho, a choupaninha pobríssima, mas que tem ainda com que albergar hóspedes¹⁴; as andorinhas, que também vieram lá de outras terras pendurar-lhes por cima da janella única, e ao abrigo do tecto de palha, o berço dos filhos.

Atravez d'estas scenas, tão antigas e sempre novas, tão sem artificio e tão cheias de harmonias, tão casuaes e tão sabiamente variadas e contrapostas, toda aquella opulenta familia cidadan vai invejando a boa sorte dos filhos das aldeias, para quem só parece existir a Natureza.

(...) Se em alguma parte se encontra um vislumbre de egualdade, sonhada pelos philosophos para consolar as penas, é só nos campos que essa filha de Deus se entrevê formosa, travessa e risonha, como a Galatea de Virgilio por entre os salgueiros.

(Segundo serão do casal, pp. 125, 127)

Mas reconhece que a vida dos aldeãos não é fácil; falta muito ainda ao campo para ser completamente feliz e, para colmatar as lacunas, é fundamental a contribuição da cidade; daí que as visitas dos citadinos ao campo sejam úteis a uns e a outros. Não se põe aqui o clássico confronto Campo-Cidade; pois a cidade, que devia ser obrigada a passar algum tempo no campo, pode retribuir os bens que recebe no campo, com os bens que tem na cidade:

“Mas – perguntar-me-heis vós – sendo assim, porque não somos nós, os do campo, inteiramente bons e bemaventurados?”

¹³ António Feliciano de Castilho, *Felicidade pela Agricultura*. Obras de A. F. de Castilho. Revistas, anotadas e prefaciadas por um de seus filhos. Lisboa, 1903.

¹⁴ Faz lembrar o célebre episódio do rato do campo e do rato da cidade, immortalizado por Esopo, por Horácio e, entre nós, por Sá de Miranda.

Inteiramente!... Não pode ser, que esse inteiramente não cabe ao mundo; porém, menos desgraçados e menos ruins que os outros, os da cidade, crêde firmemente que o sois.

(...) Mas crêde, fiae-vos em mim: lançadas bem as contas por quem experimentou ambos os vivêres, os menos maus dos maus, e dos infelizes os menos desventurados, sois vós.

E a mais ireis, quando mais d'estas verdades vos convencerdes; que já lá dizia, há dois mil annos, outro poeta bem vosso amigo (como todos os de veras o são), um poeta que só para vós escreveu uma das mais admiraveis obras do mundo. —“Oh! Ditosos, ditosissimos os lavradores, se elles acabassem de entender as suas ditas!...”¹⁵

Já vêdes, como podeis esmolar virtudes e satisfação aos desconsolados das ruas largas e das praças espaçosas.

(...) Não digais nada a ninguem; mas todas essas lastimas, que vos deplorais há tantos annos, hão-de findar, como quer que seja, com a estada dos ricos entre vós.

O solo mesmo sente que em vossas casas fallece a prata e o cobre. Ora deixae-os residir por ahi alguns mezes, e dir-me-heis, e dir-me-há o mesmo solo, e ainda mais galhardamente que vós, se das cidades enriquecidas pela Agricultura não refluiu a final algum oiro para os campos.

(Ibidem, pp.130-132)

Falta aos agricultores poder de intervenção na condução política dos seus destinos, por isso Castilho sonha com um Parlamento de

¹⁵ Este verso de Virgílio foi imitado e glosado por variadíssimos autores da nossa literatura; se nos limitarmos ao Renascimento, temos Sá de Miranda, *Carta a António Pereira, Senhor de Basto*:

*Oh, vida dos lavradores,
Se eles conhecessem bem
As vantagens que tem
Co'aqueles santos suores
Que a si e o mundo mantém,
Tratando co'a madre antiga (...).*

Diogo Bernardes (*Carta XII, Ao Doutor António Ferreira*):

*O bemaventurado o que seguro
No campo vive, com seus bois lavrando
A terra dura com arado duro.*

António Ferreira (*Carta a Diogo de Teive*)

*Ó bem-aventurados os Pastores
se seus bens conhecessem! A quem dá a terra
à vida mantimento, aos olhos flores!*

Camões (*Elegia O Poeta Simónides falando*):

*Oh, lavradores bem aventurados,
Se conhecessem seu contentamento!
Como vivem no campo sossegados!
Dá-lhes a justa terra o mantimento;
Dá-lhes a fonte clara a água pura,
Mungem suas ovelhas cento a cento.(166-171)*

Agricultores. Falta-lhes instrução, condição essencial para o melhoramento do seu nível de vida, pois ela permitir-lhes-á orientar melhor a sua vida; por isso, sonha com instrução obrigatória para todos, homens, mulheres e crianças; as entidades responsáveis deviam promover as condições necessárias para que tal acontecesse: ideia afluída neste artigo, mas assunto principal nos seguintes *Serões do Casal*, o sétimo, oitavo, nono e undécimo.

Comparando os mundos romano e português, Castilho concluía que o desenvolvimento de Portugal passava pela agricultura, pelo que os agricultores deviam obrigatoriamente ser amparados, através de instituições e da instrução, para poderem intervir e participar produtivamente nesse desenvolvimento. A única esperança para Portugal é a agricultura:

*Hoje... que são aquela Roma, e este Portugal?
Roma pereceu. Portugal, se não agoniza, enferma gravemente.
Mas para Roma não há já esperança, para nós há ainda uma.
Sabeis qual?
Sois vós, vós mesmos, vós unicamente, ó Lavradores
(Terceiro serão do casal)*

Nestes *Serões*, quando pretende apresentar o exemplo de um poeta amante dos campos e amigo dos camponeses, também refere Virgílio (como se vê acima e até no facto de o título geral da colectânea de artigos, *Felicidade pela Agricultura*, ecoar os célebres versos 458-59 d'*As Geórgicas*, *O fortunatos nimium, sua si bona norint, agricolas!*), mas é o Ovídio dos *Fastos* que prefere; ele será a figura central dos terceiro e quarto *Serões do casal*; nestes artigos transcreverá excertos da sua tradução dos *Fastos* para ilustrar as suas ideias.

No *Terceiro serão do casal*, falando da índole campestre da poesia, faz um rasgado elogio a este poeta da sua preferência e transcreve duas passagens (a festa das sementeiras do final de Janeiro (I, 657-704) e a do deus Término (II, 639-684), o deus das extremas, no mês de Fevereiro) da obra que ele próprio traduzira:

Dizia-vos eu, meus camponeses, que todos os poetas deveras eram vossos amigos; não há nada mais certo. A Poesia nasceu nos campos, e por muito tempo só conheceu esse viver viçoso e perfumado.

(...) A idade de ouro, que é a sua cisma contínua, posta umas vezes no passado, outras no futuro, a idade de ouro, (que Deus sabe se é tão fabulosa como cuidam, a não ser em relação ao seu título), que era ela se não a Arcádia, o viver campestre, manso e regalado?

(...) Falemos de um só autor, mas que, pela grandeza do seu talento, vale centos. Nasceu este na Itália, em tempo do poderio Romano, vai em dezanove séculos, e quando o latim era ainda língua viva e bizarra. Chamava-se Públio Ovídio Nasão, e era cavaleiro, ou fidalgo daquelas eras.

(...) As mulheres eram para ele o maior bem do mundo; o segundo, as amenidades da Natureza (ninguém dirá que tivesse mau gosto o nosso Ovídio)

(...) Esta obra, além de outras suas, traduzi eu; e, por sinal que ofereci a tradução a um muito particular amigo dele, meu e vosso, que é o Secretário da nossa Sociedade de Agricultura.

Há nos Fastos muitas e mui belas provas do que eu há pouco vos dizia: do amor que o bom do Ovídio tinha à vida campestre.

O *Quarto serão do casal* é totalmente constituído por uma passagem traduzida da mesma obra, a celebração da festa a Vénus, no mês de Abril (livro IV)

Quando pretende ver num costume actual os vestígios dos romanos, é também a Ovídio e a esta obra que recorre. No *Presbitério da Montanha*, de 1838, falando, no Preâmbulo, da sua estadia no Caramulo, com o irmão, e descrevendo as populações locais e os seus costumes, por duas vezes filia nos usos romanos trazidos para Portugal pelas legiões, alguns usos da região. Assim, ao referir o facto de um recém-nascido, antes do baptismo, que deve ocorrer após oito dias do nascimento, ter de ser escrupulosamente vigiado para evitar a acção malfazeja das bruxas, relaciona-o com um uso romano; relembra-o e transcreve uma passagem da mesma obra de Ovídio, (VI, 101-168) depois de comentar:

Cuidar que ainda agora as mulherinhas de uma serra nossa, e tão christan como ella é, praticam o mesmo que os legionários romanos provavelmente ensinaram a nossas avós há mil annos, e mais, pelo terem visto fazer nas aldeias da sua terra a suas mães e mulheres! Cuidar que estamos vendo, com pequena degeneração, o que o mais rico poeta da Antiquidade se deliciou em cantar das crenças da sua gente! E se não, oiçamo-lo e julgareis:(...)

(O Presbitério da Montanha, p. 63)¹⁶

E conta então o episódio da ninfa Grane, segundo *Os Fastos*, de Ovídio. Mais à frente, a propósito das *maias*, festa que se celebrava em Maio, no primeiro dia, diz:

¹⁶ António Feliciano de Castilho, *O Presbyterio da Montanha*. Obras completas de A. F. de Castilho. Revistas, anotadas e prefaciadas por um de seus filhos. Lisboa, 1905.

No 1º de Maio põem, à entrada das habitações, maias, que são ramos de sabugueiro e giestas floridas; e nos linhares, rocas e seus fuzos, carregadas de linho e enramalhadas de flores. Com aquillo se fadam a terra e a casa: a terra, para que dê linho comprido e sedoso; a casa, para que se guarde e mantenha próspera.

Quem não vê n'estas maias outra degenerada herança dos nossos antigos senhoreadores?

No principio de Maio, faziam os Romanos o festejo domestico dos seus Lares, deuses protectores da poisada, e cujos idolos se tinham junto ao fogo da cosinha, ou em nichos de traz da porta principal. Revestiam-nos de pelle canina; e em monumentos antigos se vê ao pé d'estes deuses representado o animal symbolo da fidelidade, e guarda nocturno do domicilio, pelo mesmo modo como Ovidio nos seus Fastos no-lo descreve¹⁷. Brindavam-no com libações de bom comer e beber, e também com ramilhetes e grinaldas, já de flores, e já de lan.

(p.85-86)

Obviamente que Virgílio não é esquecido, como o grande cantor dos campos; Castilho traduziu-lhe *As Geórgicas* e um outro pequeno texto, cuja autenticidade é duvidosa, o *Moretum*. Na introdução a esta tradução, faz também um rasgado elogio ao seu autor, que não esquecera a sua origem humilde e campesina e a deixava transparecer em todas as suas obras:

(...) a Eneida mesma no-lo manifesta a cada passo. Que versos há ahí n'esse opulento inventario das grandiosidades romanas, chamado Eneida, que nós releiamos com mais satisfação, e com mais satisfação podessem ter sido escritos pelo autor, que os relativos ao viver semi-silvestre de el-rei Evandro? Como tudo aquillo é campesino! Como se está bem n'aquelles paços-choupana, entre arvores incultas, sem guardas pretorianas, nem outras alvoradas senão as dos passarinhos!

(...) Estas contraposições da opulencia contemporanea com os primórdios selvaticos, namoravam a todos os poetas do século cesáreo; é abrir Ovidio ao acaso nos Fastos.. (...) Das suas memorias biographicas se depreheende quanto o ocio amenissimo dos campos, poesia já feita pela propria Natureza, os seduzia e os inspirava. Ovidio rusticava de muito boa mente; por ele mesmo o sabemos; poderia Virgilio deixar de o fazer?

(*O Outono*, I, 187-188)¹⁸

¹⁷ No início do livro V.

¹⁸ António Feliciano de Castilho, *O Outono*. Obras de A. F. de Castilho. Revistas, anotadas e prefaciadas por um de seus filhos. Lisboa, 1905.

Apesar de se ligar imediatamente a sua figura, quando evocada, à ideia de romantismo e ultra-romantismo, é de todos reconhecido o amor de António Feliciano de Castilho aos clássicos, que se manifestou não só nas traduções que deles fez, mas que se reflecte também na sua própria obra. De modo que, quando fala dos campos ou da vida rústica, fá-lo muitas vezes com as palavras e as ideias dos autores antigos, dando preferência a Horácio, Virgílio e Ovídio.